

## **A Onomástica Literária em *Flagelados do Vento Leste*, de Manuel Lopes, e em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos: José da Cruz e Fabiano**

Raul Martins Queiroz Junior

### **A onomástica e o “peso” do nome**

Em nosso dia a dia convivemos com nomes mais diversos de pessoas. Quando estamos em situações que exijam formalidade, como em um emprego, em uma entrevista, em um tribunal, em ambiente acadêmico, ou se estamos na presença de pessoas que fazem parte do nosso círculo mais íntimo, como amigos, familiares, vizinhos etc., evocamos as pessoas por seus nomes próprios. Essa é uma situação natural a quem vive em sociedade.

A língua, possivelmente, é o maior bem imaterial de um povo. A contar do início, sua utilização permitiu a comunicação entre os indivíduos, o que possibilitou a difusão de princípios socioculturais que estão na base da estruturação das mais diversas civilizações e seus modelos culturais. De acordo com Câmara Jr. (2021, p.21), “Os homens falam tão natural e espontâneo quanto caminham”. Porém, a origem das ideias linguísticas é um pensamento que, em algum momento, toma-nos o raciocínio: Por que se chama nome? Por que o nome é cadeia? Essas reflexões aparecem ao passo que o homem percebe que o modo como ele fala e escreve não se origina de si mesmo, mas sim de uma contínua tradição que vai muito além das salas de aula que possa ter frequentado, dos livros que tenha lido ou das histórias que tenha ouvido.

Quando se trata de estudos linguísticos, é preciso apontar as origens dessa tradição, que, para o mundo ocidental, surge na Grécia Antiga. Foi com os gregos que as inquietações filosóficas com a linguagem passaram a ter papel de destaque no campo das pesquisas e transpassaram a se configurar como um objeto científico que, segundo Câmara Jr. (2021, p.30), podemos dizer “que os primeiros estudos “paralinguísticos” começaram no mundo helênico. Quase todas as famosas “escolas” da filosofia grega incluíram a linguagem como um de seus objetos de investigação.

Existe uma ligação muito forte entre língua e cultura, em que, uma sem a outra, tornaria impossível a formação e disseminação dos aspectos sociais tradicionais de qualquer civilização que tenha existido. Essa ferramenta de integração que é a linguagem muda de acordo com as transformações que a sociedade enfrenta, e, assim, por meio dessas adaptações, o indivíduo cria maneiras novas de se integrar como parte de uma sociedade, aprendendo e compartilhando valores culturais.

O ser humano, a partir do momento que adquiriu suas faculdades cognitivas para

perceber as coisas a sua volta, passou a nomeá-las e a nomear-se. Ter um nome vai muito além de uma forma de ser chamado; é existir de fato, é poder se tornar parte de algo, seja de uma família, de grupo de amigos, de uma nação; é saber que carrega uma importância individual, um “peso” sócio-histórico. Por isso a preocupação desse trabalho com a escolha dos nomes na construção das duas obras.

A Lexicologia é o ramo da ciência que estuda o arcabouço lexical das línguas, do qual faz parte o estudo da origem, da formação e do significado dos nomes: a Onomástica, que tem como uma de suas ocupações a Antroponímia, que é o estudo dos nomes próprios. A Antroponímia ficcional é responsável pela análise dos nomes das personagens da literatura. Outra responsabilidade da onomástica é o estudo dos nomes de lugares, Toponímia. Uma análise dos nomes próprios e suas relações com o enredo, geografia e a formação da identidade social das personagens, no contexto narrativo dos romances *Flagelados do Vento Leste*, do cabo-verdiano Emanuel Lopes, e de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, requer compreender como a escolha desses nomes contribui para a construção da identidade do cabo-verdiano e do nordestino, na conjuntura das histórias, uma vez que representam realidades sociopolíticas de suas respectivas regiões em determinado contexto.

O termo onomástica, vem do grego *ónoma* (nome), que, remontando à Antiguidade, têm-se diversas definições do que seria essa designação. Ésquilo (525-456 a. C.), importante dramaturgo grego, conhecido como o pai da tragédia, autor de peças como *Sete contra Tebas* e *Oresteia*, evidenciou, em algumas de suas obras a preocupação com a conveniência dos nomes, que, segundo Neves (2005, p.41), na tragédia

O nome é o lugar da verdade enquanto a percepção é o lugar do engano. Em Agamenão, em Prometeu, Ésquilo (525-456 a. C.) mostra sua crença numa veracidade dos nomes próprios, em contraposição à percepção que engana; o nome do herói é a verdade do seu destino. Índice certo de contradição, essa justeza (orthótes) cria o trágico.

Nessa percepção, o personagem e tudo o que lhe diz respeito estão intrinsicamente ligados ao seu nome. Assim, havia uma verdade indissociável entre o indivíduo e o que lhe ocorresse, pois a realidade só pode ser a verdade, e o nome representava os dois, formando o *lógos*. Os pensadores gregos, como Heráclito (540-470 a. C.), Parmênides (530-460 a. C.) e Empédocles (490-435 a. C.) são fontes importantes citáveis dos estudos filosófico-linguísticos da antiguidade grega, uma vez que já debatiam sobre a natureza dos nomes: se era uma manifestação natural (*phýsei*) ou se era arbitrariedade do homem (*nómoi ou thései*). Para Heráclito, há a justeza

natural dos nomes, os quais são adequados à realidade (*nómoi*), como se fossem a imagem dos seres, por outro lado, Parmênides crê na arbitrariedade do homem na escolha dos nomes (*thései*) (*ibidem*).

Essa disputa envolveu de tal modo os pensadores antigos que os escólios trazem classificações desses pensadores segundo sua concepção da natureza do nome. Uma distribuição tripartida assim apresenta essas concepções:

- a) o nome segundo a natureza das coisas;
- b) o nome segundo o arbítrio de cada um;
- c) o nome estabelecido por um legislador que conhece a natureza das coisas.

Outra distribuição apresenta quatro classes:

- a) o nome *phýsei*, como imagem natural da coisa;
- b) o nome *phýsei*, como reprodução resultante de uma arte;
- c) o nome *thései*, segundo o arbítrio de cada um;
- d) o nome *thései*, por meio de um impositor de nomes que conhece a natureza das coisas. (NEVES, 2005, p.45)

Pitágoras (c. 580/78-497/6 a. C.) sugeriu que todos os nomes tivessem sido atribuídos por um ser primordial, que seria o legislador. No entanto, não encontrou bases para sustentar sua proposição, uma vez que também não foi possível comprovar a existência deste ser. É evidente que o sábio, devido ao incipiente estudo linguístico grego, cometesse equívocos visto que seu contexto histórico era permeado por mitologia. Em oposição à suposição pitagórica, encontra-se em Baldez e Silva e Moraes (2015 *apud* Rosa, 2018) a afirmação de que

o estudo da nomeação de seres, coisas, animais e lugares é interdisciplinar, pois leva em consideração os elementos de natureza física, que é a relação do homem com o ambiente em que vive e os de natureza antropocultural, que são os elementos de ordem sócio-histórica e cultural, abrangendo diversas áreas do conhecimento, como por exemplo, a História, a Linguística e a Antropologia. A antroponímia, portanto, sendo um dos desdobramentos da onomástica, é a ciência utilizada para estudar especificamente os nomes próprios de pessoas.

Sobre a relação entre Antroponímia e Toponímia, conforme Dauzat (*apud* Eckert e Röhrig, 2018, p.1281),

Nomes de lugares e nomes de pessoas sempre tiveram entre eles, e ainda têm, relações de interdependência, mais ou menos indicadas conforme as épocas. Cidade ou aldeia, frequentemente chamadas pelo nome de seu fundador ou do possuidor do domínio em torno do qual uma aglomeração se formou mais tarde. Em contrapartida, o indivíduo, ou a família, são frequentemente denominados conforme sua localidade, seu município, sua pátria de origem, de acordo com sua propriedade ou conforme tal particularidade de sua residência (DAUZAT, 1950, p. 4).

Essa afirmativa encontra alicerce em nomes de lugares, como o município de *Luís Correia*, no Piauí, que leva o nome de um de seus fundadores, Luís Correia Neves Filho; o bairro *Jaderlândia*, em Castanhal – PA, que homenageia o governador responsável pela fundação do bairro, Jader Barbalho; *América*, em homenagem ao navegador Américo Vespúcio. Por outro lado, há nomes de pessoas oriundos de regiões, países, cidades, como *Germano*, proveniente da Alemanha; *Holanda*; e *Ítalo*, que

provém da Itália. Exemplos esses que evidenciam a ligação entre pessoas e lugares por meio dos nomes, que marcam suas identidades.

Em uma obra literária, a seleção dos nomes dos personagens pelo autor assemelhasse à função do “legislador primordial” de Pitágoras, pois é ele quem vai intitular os seres desse mundo, o qual criou, e que pode utilizar como justificativas para essas nomeações várias considerações, como o apelo do nome, sua alegoria, até o ambiente e a atmosfera que o circunda. É elucidado, acerca da relevância dos desdobramentos em torno dos nomes das personagens de uma obra literária, por Barthes (1972, p. 58 *apud* ECKERT e RÖHRIG, 2018, p.1284), que o nome próprio possui três atributos, os quais o narrador confere à anamnese: o poder de essencialização (já que designa um único referente), o poder de evocação (já que todas as essências inerentes ao nome podem ser evocadas conforme se queira), o poder de exploração (uma vez que o nome próprio pode ser "desdobrado" como é o caso da lembrança): em certo sentido, o nome próprio é a forma linguística da lembrança.

### **Manuel Lopes e os flagelados de Santo Antão**

Nascido em São Vicente, a 23 de dezembro de 1907, o cabo-verdiano Manuel Lopes é conhecido como Voz da Estiagem de Cabo-Verde, foi um grande observador e enaltecedor dos costumes de seu arquipélago natal. Leitor voraz, esteve a par dos movimentos literários que se formavam, tanto os portugueses neorrealistas quanto os brasileiros, sobretudo o Romance de 30, movimento regionalista encabeçado por nomes como Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz. É nesse esteio, que junto a outros letrados conterrâneos seus, como Baltazar Lopes e Jorge Barbosa, fundam, na cidade de Mindelo, uma revista intitulada Claridade, que posteriormente daria início ao maior movimento intelectual da história de Cabo-Verde: o Movimento Claridade, que marca o início do modernismo na literatura cabo-verdiana.

Não isento de iniciativas político-ideológicas, os “claridosos” procuraram apartar, de forma decisiva, a literatura cabo-verdiana do paradigma lusitânico, com vistas a refletir acerca das percepções comuns cabo-verdianas e convocar a atenção para componentes da sua cultura que, assim como a língua crioula, durante muito tempo, foram excluídos pelo colonialismo. Para Bhabha (1998, p.72) “A luta contra a opressão colonial não apenas muda a direção da história ocidental, mas também contesta sua ideia historicista de tempo como um todo progressivo e ordenado”. Essa batalha travada pelo Claridade em torno da identidade do povo de suas ilhas, mormente com *Os Flagelados do Vento Leste*, não só buscou romper com os cânones portugueses em vias de produção, como também de exterminar estereótipos impregnados pelo colonialismo europeu.

Sobre isso, Bhabha (ibidem) esclarece que

Como forma de crença dividida e múltipla, o estereótipo requer, para uma significação bem-sucedida, uma cadeia contínua e repetitiva de outros estereótipos. O processo pelo qual o "mascaramento" metafórico é inscrito em uma falta, que deve então ser ocultada, dá ao estereótipo sua fixidez e sua qualidade fantasmática - sempre as mesmas histórias sobre a animalidade do negro, a inescrutabilidade do cule ou a estupidez do irlandês têm de ser contadas (compulsivamente) repetidamente, e são gratificantes e aterrorizantes de modo diferente a cada vez. [...]

Por força de combater os estereótipos impostos pelo colonialismo, pelos esforços de um fazer literário identitário autêntico, rompedor dos preceitos europeus, com a marca do cabo-verdiano, o autor de *Chuva Braba* (1956) e de *O Galo Cantou na Baía* (1959), Manuel Lopes tem como sua obra mais expressiva *Os Flagelados do Vento Leste* (1960), talvez por ser a que mais chamou a atenção da crítica à época. Tal foi o impacto do seu livro na sociedade que, em seu comentário da nota introdutória da segunda impressão do romance, em 1984, o autor não hesitou em responder aos juízos que lhe tinham sido dirigidos nos decênios anteriores, de forma a evidenciar seus princípios quanto escritor:

“Escolhi então, a arma mais eficaz do ficcionista: a “discreta” denúncia duma situação histórica, sem apontar o dedo acusatório, apenas com o intuito de transmitir aos outros (é a nossa grande força interior) os mesmos sentimentos, a mesma repulsa que me assaltaram, levando-lhes a experiência da minha perplexidade (e da minha esperança), sem disfarces ou fácil demagogia, mas com a mais sincera humildade, para que achessem eco no silêncio da sua solidão e das suas consciências; dizer-lhes, em suma, que algures numas indefesas ilhas do Atlântico em plena rota da chamada civilização ocidental, neste século das solidariedades, um mal devastador exigia a presença imediata e constante do clínico, não para disfarçar a anomalia, mas para se evidenciar capaz de fornecer a terapêutica adequada a recuperação e sobrevivência de um povo, que ousou contrariar os desígnios da natureza [...]

Manuel Lopes deixa evidente sua preocupação e admiração, assim como sua empatia por seus compatriotas no prefácio de sua obra, em que diz que

A conformação física das ilhas caboverdianas e a personalidade do homem nelas integrado não cabem num rótulo genérico; são múltiplas e, por vezes, desconcertantes. A diversidade de aspectos na psicologia e, mesmo, nos caracteres somáticos do homem caboverdiano não sofreu só com o fenómeno de adaptação ao seu meio ambiente, mas sofre, ainda, com as contingências pluviais, as estiagens periódicas, as fomes devastadoras que assolam o arquipélago e determinam fundas repercussões na maneira de ser, e conseqüente (sic) comportamento dos seus habitantes, e provocam anomalias e desvios que os períodos de normalidade agrícola nem sempre dispõem de espaço de tempo suficiente para corrigir. [...]

Acompanhei um dos períodos mais sombrios da odisséia (sic) agrícola do povo mártir de Santo Antão. Compartilhei da sua luta com tal ansiedade e adesão, que ficou viva no meu espírito e gravada no meu coração para sempre a terrível tragédia. Desejaria mais, ainda, ter vivido as horas de desforra em que, na abundância e no lazer, a sua personalidade irrompe exuberante, espontânea, rude e generosa, lá onde a malária está, hoje,

completamente erradicada dessas ilhas, um, dois ou três anos atrás, a seca roera até os ossos todos os humanos esforços, e esgotara toda a humana vontade e possibilidade de sobrevivência.

Do horror das suas horas mais funestas à euforia das suas contagiosas alegrias, das carências e penúrias maiores às mais surpreendentes e inesperadas abundâncias, o caboverdiano experimentou todas as vicissitudes, todos os contrastes — toda a escala de emoções que vai de um extremo a outro extremo das tolerâncias humanas e dá a medida do cadinho em que a sua alma sofre a necessária tempera com que saberá adaptar-se, sem surpresas, a todos os

caprichos que o destino, em quaisquer circunstância se em qualquer latitude, lhe poderá reservar.

Fato é que basta uma leitura breve na obra de Manuel Lopes para se identificar as marcas regionalistas características dos habitantes de Santo Antão, seja num “Eh, nha gente! Hora chegou. Toca a meter milho na terra. Cuspir da boca pró chão, vamos nha gente!”, de José da Cruz, ou num “Bom dia, Nhô Isé. Ti Manelim foi est'ora assim aí arriba, mas não tem demora.”, de Chica. O autor cumpre o papel de rompedor das amarras estruturais colonialistas, uma vez que Bhabha (1998, p.43) afirma que “Existe uma pressuposição prejudicial e autodestrutiva de que a teoria é necessariamente a linguagem de elite dos que são privilegiados social e culturalmente”. Embora o autor São-vicentino fosse um intelectual, conhecedor dos meandros gramaticais da língua portuguesa, lança mão do comunitarismo ao retratar, de forma singular, as intempéries enfrentadas pelo por uma grande parcela do povo cabo-verdiano, que é o foco da sua narrativa.

### **Graciliano Ramos e as vidas secas do sertão**

O período modernista no Brasil eclodiu décadas antes do que nas ilhas de Cabo-Verde, precisamente, a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, encabeçada por nomes como Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald Andrade e Di Cavalcante. O romance da década de 1930, conhecido como Romance de 30, na verdade, teve início em 1928, com a Bagaceira, de Américo de Almeida, e marca a segunda geração do modernismo no Brasil, que vai até 1945. Essa leva de escritores, como Raquel de Queirós e Graciliano Ramos, já citados, além de Lins do Rego e de Jorge Amado, propuseram que suas expressões artísticas fossem embasadas no regionalismo, com maior expressividade aos autores nordestinos e sulistas, daí o epíteto de romance regionalista, já que fugia do eixo Rio-São Paulo.

Esse movimento surge em meio a uma crise econômica mundial em 1929. O Brasil estava sobre o jugo da República do Café com Leite, a qual estava gerando inconformação nas massas. Dessa ebulição caótica, surgiram esses autores de romances distintos, que retomando as características do realismo, mais precisamente o neorrealismo, do romantismo, do determinismo naturalista, criaram um a espécie de

romance-denúncia.

Conforme Bosi (2015, p.310),

As décadas de 30 e de 40 vieram ensinar muitas coisas úteis aos nossos intelectuais. Por exemplo, que o tenentismo liberal e a política getuliana só em parte aboliram o velho mundo, pois compuseram-se aos poucos com as oligarquias regionais, rebatizando antigas estruturas partidárias, embora acenassem com lemas patrióticos ou populares para o crescente operariado e as crescentes classes médias. Que a “aristocracia” do café, patrocinadora da Semana, tão atingida em 29, iria conviver muito bem com a nova burguesia industrial dos centros urbanos, deixando para trás como casos psicológicos os desfrutadores literários da crise. Enfim, que o peso da tradição não se remove nem se abala com fórmulas mais ou menos anárquicas nem com regressões literárias ao Inconsciente, mas pela vivência sofrida e lúcida das tensões que compõem as estruturas materiais e morais do grupo em que se vive.

Anteriormente citado, Graciliano Ramos desponta como um dos maiores nomes desse período artístico, e de todos os tempos, para a literatura brasileira. Seu romance *Vidas Secas*, sobre o qual se debruçou este trabalho, tornou-se uma referência ao se falar do Romance de 30. É uma obra que retrata a vida do retirante nordestino, mostrando da forma mais crua, ou “seca”, como seu título, a seca que assola o sertão nordestino, que aparece quase como uma das personagens, chega-se a observá-lo como o antagonista maior da narrativa, pois o autor, durante toda a história, fá-lo presente com suas minúcias quanto à geografia física, o que traz a percepção da aridez próxima ao leitor, seja aridez do lugar, seja a das vidas de Fabiano, de Sinhá Vitória, dos filhos sem nome ou da cachorra Baleia.

### **Análise dos nomes de Fabiano e de José da Cruz**

Sobre o nome de Fabiano, esta pesquisa apoiou-se no trabalho desenvolvido por Eckert e Röhrig (2018, p.1288), a qual faz a seguinte análise acerca do nome da personagem de Graciliano Ramos:

**Fabiano:** Quanto à etimologia do nome, Guérios (1973), Obata (1986), Andrade (1994) e Oliver (2005) explicam que Fabiano deriva de Fábio, cuja origem remonta a faba, literalmente, fava. O nome surgiu a partir das atividades de cultivo dessa leguminosa. Segundo Oliver (2005, p. 159), “Fabiano é a forma relativa do nome, sign. de (pertencente a; da natureza de) Fábio.” O mesmo autor acrescenta que, simbolicamente, a fava representa “a alma aprisionada na matéria” e “simbolizava para os antigos a primeira oferenda dos mortos aos vivos – isto é, a reencarnação materializada no embrião” (OLIVER, 2005, p. 159). Essa interpretação pode ligar-se ao comportamento do personagem, uma vez que ele não consegue revelar o seu “eu” em função de sua dificuldade com a linguagem, tornando-se prisioneiro de sua ignorância. Por outro lado, enquanto nome comum, fabiano é um substantivo masculino que significa “sujeito qualquer, desconhecido; fulano”, utilizada como sinônimo de “joão-ninguém”. Essa significação aproxima-se das características do personagem, cuja situação coloca-o em uma condição tão inferiorizada aos demais a ponto de se considerar mais animal que humano. Fabiano é só mais um retirante atingido pela seca, cujo espaço poderia ser ocupado por qualquer outro e cujo trabalho poderia ser desempenhado por qualquer um. O próprio personagem, em capítulo homônimo, reflete, com as limitações de sua personalidade, acerca de sua



condição, perguntando se se é um homem ou um bicho (RAMOS, 2007, p. 18-19), e vê, nesse dilema, mais vantagens em ser bicho do que em ser humano, posto que os bichos são duros e bravos o bastante para resistir àquela vida. (ECKERT E RÖHRIG 2018, p.1288)

**José da Cruz:** Em todas as pesquisas feitas, aparece que O nome José tem origem no hebraico Yosef, relacionado com algo divino, já que o seu significado é "Deus acrescenta", "aquele que acrescenta", "acréscimo do Senhor" ou "Deus multiplica". Nome de importantes personagens bíblicos, como José de Nazaré (São José) e José de Arimatéia. Foi muito utilizado na Idade Média, e teve sua maior difusão na Europa devido à devoção a São José, com variações em diversos idiomas, como Joseph, em inglês e Giuseppe, em italiano. Para algumas comunidades católicas do Nordeste do Brasil, São José faz parte da tríade dos santos responsáveis pelas chuvas que molham o sertão e ajudam os sertanejos a sobreviverem. A forma reduzida José é "Zé", utilizada largamente Brasil a dentro, muitas vezes com sentido depreciativo, como "zé-ninguém", "zé mané" (junção com Manuel), ou, simplesmente, "zé".

Os significado ligam-se ao nome da personagem de Emanuel Lopes de formas diferentes a depender do momento da narrativa, visto que sua presença trazia esperança de multiplicação dos alimentos por meio do plantio a que ele prematuramente se pôs devido a um presságio de chuva que, em seu sonho, "O anjo trazia um balde d'água nas mãos, e quando chegou assim nesta endireitura, virou o balde de boca pra baixo, e a água que saía do balde parecia não acabar nunca" (LOPES, 1987, p.9). Ele era o homem mais próximo do divino, aquele que conseguia conversar com as forças que os homens não compreendem, sua fé era inquebrável. Quando todos foram embora para trabalharem para o governo em busca de sobrevivência, José resolve continuar ali com a família. Nesse momento, seu sobrenome, da Cruz, passa a ter mais sentido, uma vez que uma cruz é o símbolo maior de penitência e de purificação, também de vitória sobre a morte, e aquele momento foi sua *Via-Crúcis*. No entanto, a falta de consciência o tornou flagelado, já que sua inflexibilidade foi responsável pelas desgraças que sofreu, como a perda da mulher e dos filhos, é quando José se torna Zé, ou, somente, zé, como um "zé-ninguém", que morre moribundo.

### **Considerações Finais**

O presente trabalho obteve um resultado satisfatório ao que se propôs, visto que os nomes das personagens investigados: Fabiano de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e José da Cruz de *Os Flagelados do Vento Leste*, de Manuel Lopes, obtiveram relações com as participações dos nomeados em seus respectivos enredos. Dessa forma, pode-se dizer que os nomes dos dois protagonistas não foram escolhas aleatórias, pois nota-se a

preocupação com a precisão lexical por parte dos dois autores.

Com base nisso, verifica-se a existência da ligação entre as características de cada personagem e o nome lhes foi atribuído. No caso de José da Cruz, há uma relação própria muito evidente com o seu papel na história, pois ele é o representante ou mensageiro das forças divinas, as quais seguia fielmente, e com sua sementeira, poderia acrescentar mais esperança àquele povo castigado pela natureza. O mesmo pode se dizer da personagem do autor alagoano, do qual a introspecção é a mais evidente relação com seu nome, pois ele aparente estar preso naquilo que dele foi construído, aquele ser rude e de vocabulário restrito, porém com uma consciência capaz de reflexões complexas.

Em síntese, a pesquisa aqui desenvolvida não buscou esgotar as discussões acerca das análises e das escolhas dos nomes das personagens das referidas obras, uma vez que foram escolhidos somente os protagonistas de cada narrativa. Além disso, este trabalho almejou humildemente acrescentar apenas mais um volume acerca dos estudos onomásticos de Antroponímia Ficcional e de Literatura Comparada.

Por fim, espera-se que a análise dos nomes dos personagens seja estendida às obras de outros autores da literatura em língua portuguesa, seja do Brasil, de África ou de qualquer país lusófono. Ademais, desponta-se a possibilidade de intercâmbios comunitários, pois há muito mais em comum entre as literaturas brasileiras e africanas do que se pode imaginar, não que se diga que uma influencia a outra, mas por vivências aproximadas dos povos colonizados. Por tanto, com sinceros pedidos de desculpas por qualquer equívoco acerca da cultura cabo-verdiana ou brasileira, ou da memória dos países referidos, este projeto declara ter alcançado seu o objetivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoa**: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda., 2020.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço De Lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira** / Alfredo Bosi. – 50. ed. – São Paulo: Cultrix, 2015.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **História da linguística**: Edição revista e comentada. 1. ed. - Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2021.

ECKERT, Kleber; RÖHRIG, Maiquel. Onomástica literária em Graciliano Ramos: os nomes dos personagens de Vidas Secas e de São Bernardo. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 3, p. 1277-1294, 2018

FURTADO, Maria Helena Gonçalves. Recensão Crítica da Obra “Os Flagelados

do Vento Leste”, de Manuel Lopes. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA) | vol.2, nº Especial | p.446-453 | 2022.

LOPES, Manuel. **Os flagelados do vento leste**. São Paulo: Círculo do Livro, s.d

NEVES, Maria Helena de Moura. **A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem**. 2 ed. rev. and updt. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 120ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2013.

VIEIRA, Marineide Barbosa. O Psicológico e a Representação Social das Personagens em Vidas Secas: Fabiano, Soldado Amarelo e o Fazendeiro. (Monografia em Literatura). **Universidade de Brasília** – UnB. Brasília: